

Joël Dicker

Uma catastrófica visita ao zoo

Tradução de José Mário Silva



Capítulo 1

A TEORIA DAS CATÁSTROFES

Naquela noite, não tive direito a sobremesa. Por causa do que se passou no jardim zoológico. Durante todo o jantar, o papá repetiu-me, uma e outra vez: «Parece impossível, Joséphine! Parece impossível!» A mamã, por seu lado, não dizia nada. Lançava-me olhares reprovadores. E acabou por dizer simplesmente: «Amanhã, vamos visitá-lo ao hospital. Agora, come os teus feijões.»

Não gosto de feijões, mas percebi que não era altura para negociações. E comi-os sem protestar. É o que se chama «fazer tudo para passar despercebido». Depois, a mamã decretou que eu não teria direito à sobremesa. Fiquei com pena, porque a sobremesa era bolo de cenoura, o meu bolo preferido. Senti vontade de chorar, mas consolei-me pensando que os outros colegas da minha turma também tinham decerto sido privados de sobremesa.

A seguir ao incidente no jardim zoológico, os pais começaram a telefonar uns aos outros. Eu ouvi a mamã a fazer chamadas sucessivamente, repetindo a cada um dos interlocutores: «Estou mortificada, estou mortificada! Como é que uma catástrofe destas pôde acontecer?» Eu não sei lá muito bem o que «mortificada» significa, mas o facto

de começar pela palavra «morte» dava a entender que não era nada bom.

Quando acabei de comer os feijões, perguntei se podia levantar-me, uma vez que não tinha direito a sobremesa. Mas a mamã respondeu que não, depois ergueu-se, cortou uma fatia do bolo de cenoura e pousou-a à minha frente. Disse-me: «Podes comer o bolo se nos explicares o que se passou hoje no jardim zoológico.» Isto chama-se «chantagem», mas abster-me de fazer qualquer comentário. Peguei na colher e dividi a fatia de bolo em oito pedacinhos.

Uma catástrofe nunca acontece de repente: ela é o resultado de uma série de pequenos abalos que passam praticamente despercebidos, mas que, pouco a pouco, se convertem num terramoto. O que aconteceu hoje no jardim zoológico não fugiu à regra: foi o fogo-de-artifício final de uma sucessão de catástrofes.

Os meus pais queriam explicações, mas, para lhes explicar tudo, seria necessário explicar que a catastrófica visita ao jardim zoológico se devera ao catastrófico espetáculo da escola, que acontecera por causa da catastrófica peça de teatro, que fora encenada por causa da catastrófica visita ao Pai Natal, que acontecera por causa da catastrófica Santa Bofetada, que acontecera por causa do catastrófico curso de prevenção rodoviária, que acontecera por causa da catastrófica aula de ginástica, que acontecera por causa da catastrófica reunião no anfiteatro, que, por sua vez, acontecera por causa de uma catástrofe inicial.

E talvez seja melhor começar justamente por essa primeira catástrofe.

Capítulo 2

UMA SEGUNDA-FEIRA NADA NORMAL

Numa manhã de segunda-feira, já para o fim do outono, a poucas semanas do Natal, passou-se algo grave.

Como sempre, quando acontece uma catástrofe, somos apanhados de surpresa. Aquela segunda-feira parecia mesmo um dia normal: o meu despertador tocou, levantei-me, tomei o pequeno-almoço (cereais, mas deitando primeiro o leite na tigela, antes dos cereais, caso contrário não percebemos quanto leite estamos a usar), escovei os dentes, penteei-me, vesti-me, e a mamã levou-me de carro à escola. Até aqui, passou-se tudo como habitualmente.

A minha escola chama-se Escola dos Cumes Verdes. É uma escola especial. Chamamos escola especial a uma escola onde são colocadas as crianças que não vão para as outras escolas. Eu gosto muito da minha escola. É pequena, porque só há uma turma. É como um grande pavilhão de madeira. A mamã diz que é encantadora. Eu diria antes que é gira. Há uma grande entrada, que também serve de vestiário. De um lado, fica a sala de aulas, do outro, uma sala de jogos. Há ainda uma pequena cozinha e, mesmo ao lado, as casas de banho. O nosso recreio é um jardim cheio de flores, rodeado por uma vedação que nunca devemos ultrapassar, a não ser que estejamos

acompanhados pelos nossos pais ou pela nossa professora, a Mademoiselle Jennings. Junto à escola há um pequeno parque com jogos para crianças e bancos onde se sentam as velhotas, enquanto os seus cãezinhos fazem cocó. É obrigatório apanhar os cocós dos cães, mas às vezes as velhotas fingem não ter reparado que os seus animais fizeram as necessidades. Quando vê isto, o contínuo da nossa escola vai ter com elas, furibundo, e ordena-lhes que apanhem os dejetos imediatamente. As velhotas fazem então um ar chateado e enojado, depois tiram do bolso um saco de plástico e lá apanham aquilo. A seguir, seguram nos sacos com as pontinhas dos dedos, como se os cocós fossem saltar-lhes para cima, e fazem umas caretas engraçadas. Nós rimo-nos a valer.

Mesmo ao lado do parque infantil, fica a escola das crianças normais. É para lá que vão todas as crianças, menos nós. É um grande edifício em tijolo, com um recreio enorme, revestido de betão, mais um imenso campo desportivo anexo. Da nossa escola especial, conseguimos ver a escola das crianças normais. Há lá muitas, enquanto nós, na nossa escola, somos só seis. Perguntei à mamã se um dia também irei para a escola das crianças normais. Ela explicou-me que provavelmente não, mas que me ama como eu sou.

O melhor de tudo, na escola especial, é a Mademoiselle Jennings, a nossa professora. Ela é a professora mais fantástica de todas. Tem paciência, é adorável, inteligente e doce. É também muito bonita. Está sempre bem-vestida e os seus cabelos, sempre bem penteados. Toda a gente a adora.

A segunda coisa mais espetacular, na escola especial, depois da Mademoiselle Jennings, são os meus cinco colegas de turma, todos rapazes.

Há o Artie, que é hipocondríaco, quer dizer, acha sempre que tem todo o tipo de doenças. Não é muito prático para ele, mas é divertido para nós, porque ele põe-se a berrar, em pânico, quando pensa numa doença qualquer. Quando for grande, o Artie quer ser médico para se tratar a ele mesmo, porque diz que o risco, quando vamos aos outros médicos, é ficarmos contaminados na sala de espera, que é um antro de doenças. Neste aspeto, acho que ele tem razão.

Há o Thomas, que é muito bom no karaté porque o pai é professor de karaté. (Ajuda ter um pai professor de karaté para se ser muito bom no karaté.) Quando for grande, o Thomas quer ser professor de karaté, como o pai.

Há o Otto, que tem pais que vivem em casas separadas. O nome disto é «divorciados». A mamã disse-me que o divórcio acontece quando o papá e a mamã já não têm vontade de dormir no mesmo quarto. Eu acho que quando for grande também vou ser divorciada, porque detesto partilhar o meu quarto.

O Otto sabe tudo sobre tudo. Nos seus aniversários, pede sempre enciclopédias e dicionários. Adora explicar as coisas e conhece palavras complicadas como «suimanga», «casuística» ou «queloide», que é uma palavra que aprendemos graças ao Artie. Quando for grande, o Otto quer ser conferencista.

*

Há o Giovanni, que veste sempre camisa, mesmo quando vamos todos brincar lá para fora. Os pais são muito ricos — quer dizer que têm muito dinheiro — e, pelos vistos, quando somos ricos temos de andar sempre de camisa. Espero não ser rica quando for grande, porque odeio vestir camisas. O Giovanni tem um empregado de mesa na sua casa. E isso é muito prático. Eu, na minha casa, depois das refeições, tenho de levar o meu prato para o lava-loiças. Mas na casa do Giovanni ninguém mexe um dedo. Um dia, convidou-me para o almoço: estávamos sentados à mesa e o empregado pousava os pratos à nossa frente. No fim, foi ele que levantou tudo. A mamã diz que isto é um mordomo, mas na casa do Giovanni chamam-lhe Bernard. Quando for grande, o Giovanni quer trabalhar na empresa do pai, que foi fundada pelo avô. Pelos vistos, é uma empresa familiar. Quer dizer que vai passando de uns para os outros.

Há o Yoshi, que nunca fala. Mas nunca mesmo nunca. É o meu colega preferido. Não precisamos de falar para nos compreendermos. O Yoshi tem muitas manias. Quer dizer que verifica sempre tudo dez vezes. Quando não é mais de dez vezes. Por exemplo, passou uma manhã inteira a verificar se os sapatos estavam mesmo no vestiário da escola. O Yoshi adora plasticina e molda objetos magníficos. Tem uma mesa só para ele num dos cantos da sala de aulas, onde concebe projetos sensacionais. Quando for grande, o Yoshi quer ser escultor.

*

E finalmente existo eu: Joséphine. Parece que compreendo as coisas demasiado depressa. Não vejo qual é o problema, mas aparentemente é um problema. E aí está pelo menos uma coisa que eu não compreendo. Quando for grande, quero tornar-me inventora de palavrões. Foi uma ideia que me foi soprada pelo meu pai.

Um dia, o papá leu no jornal um artigo sobre a família do Giovanni. A empresa familiar deles, que vai passando de uns para os outros, fabrica papel higiénico. Segundo o papá, o papel higiénico dá-lhes muito dinheiro. Ao ler o artigo, exclamou: «Uma ideia genial, o papel higiénico! Um produto que é consumido todos os dias, no mundo inteiro, de que vamos sempre precisar e que nenhuma tecnologia poderá substituir!» Disse para comigo que, para a minha profissão, devia escolher fabricar um produto do mesmo tipo. Depois o papá disse à mamã: «Já pensaste bem, querida, no dinheirão que eles fazem com o papel-prò-cu?» A mamã pediu ao papá para ter cuidado e não falar assim à minha frente, mas era demasiado tarde. Não apenas achei que papel-prò-cu era um magnífico palavrão, mas sobretudo que inventora de palavrões era um ofício com futuro: recorreremos a palavrões todos os dias, vamos sempre precisar deles e nenhuma tecnologia os poderá substituir.

Um dia farei um livro e meterei lá dentro os palavrões que tiver inventado. Será uma espécie de dicionário de palavrões.

Para voltar à famosa manhã de segunda-feira, dia da catástrofe inicial que se desenrolaria em cascata, de catástrofe em catástrofe, até à catastrófica visita ao jardim zoológico, quando eu e a mamã chegámos perto da escola,

havia camiões dos bombeiros parados na berma da estrada. Entrámos no pequeno parque infantil e vimos que os bombeiros se afadigavam em torno da escola especial. Foi nesse momento que percebi que aquele dia normal, na verdade, não seria nada normal e que acabara de ocorrer um incidente sério.

Capítulo 3

A INUNDAÇÃO DA ESCOLA

Os bombeiros entravam e saíam da escola especial com tubos que ligavam a máquinas ruidosas. Eu e a mamã misturámo-nos com uma pequena multidão de mirones, atraídos por toda aquela agitação. Depois vi a Mademoiselle Jennings, o contínuo e todos os meus colegas, que já lá estavam com os seus papás ou as suas mamãs. Juntámo-nos a eles. A mamã perguntou aos outros pais o que se passava. «Inundação», responderam em uníssono.

O Otto explicou-nos, agitando no ar o seu dicionário, que a palavra inundação vinha do latim: *inundatio*. Mas o que nós queríamos saber era de onde vinha a inundação propriamente dita. Não chovera nos últimos dias, pelo que era estranho que a escola estivesse inundada. O Thomas disse-nos que um cano podia ter rebentado, algo que já acontecera no clube de karaté do seu pai, obrigando a substituir todos os tatâmis. Isto deixou-nos um bocadinho inquietos.

Os pais perguntaram à Mademoiselle Jennings se havia danos a registar. Ela respondeu que ainda não sabia, porque não tinha podido entrar lá dentro. Esperámos ainda um pouco. Um bombeiro veio falar com a Mademoiselle Jennings e disse-lhe, com um ar cabisbaixo: «Está

tudo inundado, a vossa escola neste momento é impraticável.»

A Mademoiselle Jennings começou a chorar, e ficámos cheios de pena de a ver tão triste. O contínuo parecia estar muito chateado. O bombeiro e os pais puseram-se a falar todos ao mesmo tempo e o bombeiro explicou-lhes o que queria dizer «impraticável»: não seria possível regressarmos à escola especial durante muito tempo. O bombeiro disse que a água se espalhara durante todo o fim de semana, e, pela maneira como falava, acreditámos que seria um problema com os canos. «Estão a ver», assinalou o Thomas, «foi o que aconteceu no clube de karaté do meu pai.»

Os pais começaram a tagarelar. Nós perguntávamo-nos o que faríamos, caso não pudéssemos ir mais à escola especial. Depois, chegou um senhor grande, muito alto, que era o diretor da escola das crianças normais. O diretor tinha um ar muito preocupado e veio em direção à Mademoiselle Jennings, para a confortar. Tentou abraçá-la, mas ela não parecia muito interessada. Ele deu-lhe um lenço e prometeu levantar-lhe o moral. Em vez de lhe levantar o moral, mais valia ter levantado o cano que acabara de inundar a nossa querida escola.

De seguida, o diretor armou um espetáculo para os pais, explicando que estava tudo controlado e que arranjaría uma sala para nós na sua escola para crianças normais, mesmo ali a dois passos, e que a Mademoiselle Jennings não precisava de se preocupar com nada. Poderíamos ficar na escola das crianças normais durante o tempo que fosse necessário para as obras de reparação da nossa escola.

*

A Mademoiselle Jennings juntou-nos em círculo, como costuma fazer quando tem algo importante para nos dizer. Por exemplo, quando vamos numa excursão e nos dá instruções para a viagem. Explicou-nos o que já sabíamos: íamos deixar de ter acesso à escola especial por causa da inundação. E acrescentou uma coisa que ainda não sabíamos: na origem da inundação estiveram lavatórios entupidos nas casas de banho. Pedacos de plasticina obstruíram o sifão dos lavatórios, enquanto as torneiras ficaram abertas durante todo o fim de semana. A água transbordou e espalhou-se por todo o lado. Tínhamos muitas perguntas para fazer à Mademoiselle Jennings. Como é que a plasticina foi parar aos lavatórios? E porque é que as torneiras ficaram abertas durante todo o fim de semana?

A Mademoiselle Jennings fez então um ar muito sério e disse:

— Justamente, meus queridos, é uma história bizarra. Na sexta-feira, será que algum de vocês se pôs a brincar com plasticina nos lavatórios?

Todos lhe assegurámos que não. Os olhares viraram-se evidentemente para o Yoshi — que na verdade é o único que brinca com plasticina, porque quando for grande quer ser escultor —, mas o Yoshi, como única resposta, uma vez que não fala, abanou vigorosamente a cabeça para garantir que não tinha entupido coisa nenhuma.

— Não é grave se por acaso entupiste os lavatórios — insistiu a Mademoiselle Jennings. — Eu só quero compreender o que se passou.

Nós achávamos que aquilo só podia ser grave, porque os bombeiros tinham sido chamados e agora a escola ficara impraticável. Mas o Yoshi continuou a abanar a cabeça,

com insistência, e quase começou a chorar. Eu chamei a atenção da Mademoiselle Jennings:

— Quando alguma coisa se estraga ou avaria na escola, o contínuo dá sempre por ela. Se os lavatórios comessem a transbordar, ele teria visto.

— Na sexta-feira, o contínuo teve de se ir embora antes do toque de saída, porque a mãe foi para o hospital — contou-nos a Mademoiselle Jennings.

Encolhemos os ombros. Se o Yoshi dizia que não tinha sido ele, então não tinha sido ele. Não era do seu feitio mentir. Mas a Mademoiselle Jennings não parecia convencida: aqueles lavatórios não se tinham entupido sozinhos. Explicou-nos que os bombeiros haviam aberto uma investigação e que o chefe dos bombeiros tinha perguntas para nos fazer.

Ao ouvir isto, gritámos todos de alegria. Era entusiasmante encontrarmo-nos com o chefe dos bombeiros, que devia ser meio bombeiro, meio detetive, já que conduzia uma investigação.

Nesse momento, um senhor enorme, barrigudo, com bigode de morsa e um fato demasiado largo, com gravata, dirigiu-se até junto de nós. Disse:

— Crianças, posso dar-vos uma palavrinha?

Eu respondi educadamente que não, porque ficáramos de ir falar com o chefe dos bombeiros, mas eis que o Bigode de Morsa nos disse que era ele o chefe dos bombeiros. Ficámos desiludidos. Não tinha nem ar de chefe, nem ar de bombeiro.

— O senhor tem a certeza de que é o chefe dos bombeiros? — perguntou o Artie.

— Certezinha absoluta — respondeu o Bigode de Morsa.

Mostrou uma medalha de bombeiro que trazia ao peito, julgando que nos impressionava. Mas o Giovanni comentou:

— O senhor é bastante gordo para bombeiro...

O Thomas interveio:

— Se é gordo, é porque é mesmo o chefe. O meu pai diz que os chefes não fazem nada, só comem brioques e bebem café o dia inteiro.

— Muito simpático, o teu pai — contrapôs o chefe dos bombeiros.

O Artie pôs-se a choramingar:

— Parece que o café faz mal ao coração, por isso espero nunca vir a ser chefe, senão serei obrigado a beber litradas de café, e depois fico com problemas cardíacos.

— Onde é que estão os seus músculos de bombeiro? — perguntou o Thomas, que sabe muito de músculos porque o pai é professor de karaté.

— Acho que os deixei no carro — respondeu o Bigode de Morsa.

— Então o melhor é ir buscá-los, a ver se salva alguém.

— Eu ocupo-me sobretudo das investigações — explicou o chefe dos bombeiros. — E se estou aqui é justamente para compreender o que se passou na vossa escola.

Eu tentei ajudá-lo:

— Alguém inundou a nossa escola. A Mademoiselle Jennings disse que os lavatórios estavam entupidos com plasticina e que as torneiras ficaram abertas todo o fim de semana.

Com um ar chateado, o chefe dos bombeiros cofiou a sua grande bigodaça:

— Sabes, minha menina, na maior parte dos casos, não se trata de um ato voluntário, mas antes de um esquecimento.

Estamos a brincar com os amigos e esquecemo-nos de fechar a torneira, e é assim que os acidentes acontecem.

— Nós fechamos sempre a água — respondi eu.
— Além disso, porque haveríamos de pôr plasticina nos canos?

— Às vezes, na brincadeira, as crianças gostam de enfiar objetos nos ralos dos lavatórios. Para verem o que acontece.

O chefe dos bombeiros achava mesmo que nós éramos uns imbecis.

— Por que raio é que haveríamos de meter plasticina nos canos? Que nojo...

Os outros amigos também achavam aquilo nojento, sobretudo o Artie, porque, se os lavatórios ficam entupidos, a água estagna, e a água estagnada é o sítio perfeito para as bactérias.

— Nós nunca entupiríamos os lavatórios — repeti.

Mas o chefe dos bombeiros não parecia convencido.

— A vossa professora disse-me que um de vocês molda plasticina todos os dias...

Apontámos para o Yoshi.

— És tu que gostas de plasticina, meu rapaz? — perguntou o chefe dos bombeiros, com uma voz muito suave, de raptor de crianças.

O Yoshi fez que sim com a cabeça e nós explicámos ao chefe dos bombeiros que o Yoshi nunca fala.

— Porque não *quer*, ou porque não *pode*? — perguntou o chefe dos bombeiros.

Nós não sabíamos ao certo. Então, o chefe dos bombeiros acrescentou:

— Porque, quando queremos, conseguimos...

— Nós somos crianças especiais — expliquei.

— Ah! — fez o chefe dos bombeiros. — Bom, de qualquer maneira, se tu mexeres em plasticina todos os dias, e ficar um bocadinho nas mãos, de cada vez que as vais lavar isso passa, pouco a pouco, para o cano de escoamento do lavatório. E eis que, um belo dia, pimba, fica tudo entupido.

— É preciso um pacote inteiro de plasticina para entupir um lavatório — lembrei.

— Os cabelos da minha mulher são o suficiente para entupir o escoamento do nosso duche — respondeu o chefe dos bombeiros.

O Otto perguntou ao chefe dos bombeiros se a mulher dele tinha cabelos de plasticina. Como única resposta, o chefe dos bombeiros suspirou:

— Meninos, gostava que voltássemos ao vosso dia de sexta-feira.

O Otto objetou, dizendo que era impossível regressar a dias passados.

— O que eu queria dizer era «contem-me o vosso dia de sexta-feira» — corrigiu, ligeiramente irritado, o chefe dos bombeiros, dando a entender que começava a perder a paciência. — O que é que fizeram na escola na passada sexta-feira?

Quando já tínhamos convocado as nossas memórias comuns, explicámos ao chefe dos bombeiros que a sexta-feira tinha sido um dia bastante normal. Começámos por uma aula de matemática, dada pela Mademoiselle Jennings, que depois nos ensinou botânica. A seguir, houve um intervalo. O Yoshi brincou com plasticina e o Thomas ajudou-o, enquanto os outros faziam desenhos. Depois disso, o Otto deu uma pequena conferência. Gostava de escolher um tema e falar-nos dele. Era sempre muito

interessante. Naquele momento, o assunto que o apaixonava particularmente era o divórcio. Sem dúvida por causa dos seus pais.

Os pais dele já não conseguiam ouvir-se um ao outro. Podiam tentar falar mais alto, mas tinham preferido separar-se. A vantagem é que agora, no aniversário dele ou no Natal (que já está quase a chegar), o Otto passaria a receber não um presente dado pelos pais em conjunto, mas dois presentes, oferecidos por cada um deles. O que, matematicamente, equivale ao dobro.

Ou seja, na sexta-feira, o Otto falara-nos do divórcio, seguindo as letras do alfabeto. Começara pelo A, de Advogado, que é um senhor ou uma senhora que deve defender os nossos interesses, mas que, segundo o pai dele, custa uma fortuna e não serve para nada.

Seguiu-se o B, de Berraria, porque os pais estão sempre a discutir, por tudo e por nada.

Depois veio o C, de Culpa. A culpa é quando os pais já não conseguem dizer não ao filho, porque se sentem em falta por qualquer coisa que fizeram. Como decidirem divorciar-se. Por exemplo, quando os pais do Otto ainda estavam casados, o Otto nunca os convenceu a arranjarem-lhe um animal de estimação. Agora, que se divorciaram, ele tem uma tartaruga e um coelho em casa do pai e peixinhos e dois hamstéres em casa da mãe. Os pais ficam fracos quando estão sós, e fortes quando estão um com o outro. É aliás por isso que se juntam para ter filhos.

A seguir veio o D, de Divórcio, do latim *divortium*: a separação. Nesse momento, a Mademoiselle Jennings interrompeu o Otto e disse-lhe: «Otto, meu querido, já chega de histórias sobre o divórcio. Pensa noutro tema

com a letra D para segunda-feira e podes fazer uma conferência sobre o assunto.»

— A vossa Mademoiselle Jennings fez muito bem em interromper essa conferência soporífera — decretou o chefe dos bombeiros.

O Thomas perguntou qual era o significado da palavra «soporífera». O Otto respondeu-lhe que queria dizer aborrecida e todos achámos que o chefe dos bombeiros estava a ser mauzinho.

Contámos o resto do nosso dia ao chefe dos bombeiros. A seguir ao almoço, tínhamos ido em excursão ao Museu de História Natural. Fomos de autocarro. De regresso à escola especial, o Artie disse-nos para lavarmos bem as mãos, porque os autocarros transportam não apenas passageiros, mas também todo o tipo de doenças. Conforme ele ia referindo os nomes das muitas doenças horríveis que podíamos contrair, precipitámo-nos para as casas de banho da escola. Usámos muito sabão e esfregámos bem as mãos, seguindo as indicações do Artie, que nos avisara: «Depois de passarem as mãos por água, não toquem nas torneiras. Porque as abriam com as mãos possivelmente contaminadas, se tocarem nas torneiras voltam a sujar-se, e têm de começar tudo de novo.» Era de facto um raciocínio bastante lógico. Ou melhor, bacterio-lógico.

Ao ouvir isto, o chefe dos bombeiros perguntou:

— Mas afinal quem é que fechou as torneiras depois de vocês terem lavado as mãos?

— Ninguém — respondeu, triunfalmente, o Artie. — Felizmente, senão teríamos ficado todos contaminados.

— Pronto — cortou o chefe dos bombeiros —, confirma-se o que eu dizia. Inundação accidental.

Autor com mais de 20 milhões de leitores em todo o mundo, galardoado com o Grande Prémio de Romance da Academia Francesa, o Prémio Goncourt des Lycéens e o Prémio Lire, Joël Dicker oferece-nos agora o seu livro mais surpreendente e transversal.

«Na pequena cidade onde cresci, as pessoas ficaram marcadas, durante muitos anos, pelos acontecimentos ocorridos no jardim zoológico numa sexta-feira de dezembro, a poucos dias do Natal. E durante todos esses anos ninguém soube o que verdadeiramente se passou. Até este livro.»

O Natal está à porta. Para assinalar o fim das aulas, a turma de Joséphine faz uma visita de estudo ao jardim zoológico. Porém, o passeio, que tinha tudo para ser divertido, rapidamente se precipita numa catástrofe.

Que aconteceu ao certo? Porque se revestem todos os acontecimentos de um secretismo absoluto? Os pais de Joséphine, que parece saber muita coisa, não desistirão enquanto não descobrirem a verdade. E perceberão, pelo caminho, que uma catástrofe nunca vem só, que as aparências iludem e que qualquer história pode tomar rumos imprevisíveis.

Vários anos mais tarde, Joséphine, já adulta, decide contar tudo num livro.

Com o mistério a manter o leitor em tensão da primeira à última linha, *Uma catastrófica visita ao zoo* é um romance comovente e cheio de humor, que aborda temas universais como a democracia, a inclusão e as relações entre pais, professores e jovens, urdido com a mestria e a precisão narrativa a que Joël Dicker nos habituou, desta vez com ingredientes que podem seduzir leitores de todas as idades.



«Nas minhas conversas com leitores, o que mais me emociona são as leituras partilhadas em família, entre amigos ou em clubes de leitura.

Por isso, tentei escrever um livro que pudesse ser lido e partilhado por todos os leitores, dos 7 aos 120 anos. Com os vossos filhos, os vossos pais, vizinhos, amigos ou colegas de trabalho. Um livro que vos dê vontade de ler e de dar a ler. E que nos permita reencontrar-nos.»

JOËL DICKER



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt
f alfaguaraeditora
penguinlivros

ISBN: 978-989-583-883-7

